

JOVENS RURAIS DO ENSINO MÉDIO: EXPERIÊNCIAS ESCOLARES E EXPECTATIVAS JUVENIS

Karla de Freitas Alves Pinto¹
Ruth Bernardes Sant'ana²

RESUMO

Esta pesquisa buscou analisar o processo de escolarização de jovens rurais do Ensino Médio, suas experiências escolares e expectativas de futuro, com o objetivo de compreender os sentidos que eles atribuem às vivências em uma escola de Ensino Médio localizada na zona rural. Procuramos destacar os fatos mais significativos da experiência escolar trazidos pelos alunos. A dissertação se inscreve em um campo do conhecimento que concebe o aluno como um parceiro fundamental na compreensão dos processos de escolarização. Os sujeitos da pesquisa são jovens rurais do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública. Foram utilizados vários procedimentos de pesquisa: observações de estabelecimento, entrevistas individuais semiestruturadas, questionário e análise de documentos escolares. Recorremos à noção de triangulação – utilizada no sentido matemático e estatístico do termo, mas, sim, como o emprego de vários recursos metodológicos com vista ao cotejamento dos dados na busca de maior confiabilidade e na tentativa de amenizar as possíveis limitações dos métodos utilizados. Na revisão de literatura, procuramos discurrir sobre a expansão do Ensino Médio e a escolarização de jovens rurais, tendo em vista o rural e o urbano como espaços inter-relacionados, e também um panorama da educação rural e do campo no Brasil. A partir das falas dos jovens, percebemos que os sentidos atribuídos à escola no processo da escolarização são positivos, já que os jovens se sentem confiantes na mesma. Pelos dados da pesquisa, podemos afirmar que os jovens são capazes de opinar acerca das aulas, dos conteúdos e da escola.

Palavras-chave: Juventude Rural. Ensino Médio. Escolarização

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discutir o processo de escolarização de jovens rurais do Ensino Médio em Rio das Mortes, distrito de São João del-Rei, Minas Gerais. Para tal, empreenderemos, sobretudo, um estudo qualitativo e de caráter descritivo. Foram coletados dados primários e secundários: as fontes primárias foram obtidas por meio de entrevistas

¹ Mestrado em Educação UFSJ, Professora substituta DED/UFV karlaalvesp@yahoo.com.br;

² Professor orientador: Doutorado Psicologia Social Universidade Católica de São Paulo, pós-doutorado Instituto de Estudos da Criança, Minho Portugal. ruthbs@ufsj.edu.br;

semiestruturadas e observações da dinâmica da sala de aula e de outros espaços pertinentes à pesquisa, enquanto os dados secundários consistem em prontuários, fichas, dentre outros documentos dos alunos.

Segundo os estudos de Camarano e Abramovay (1998), nas últimas décadas ocorreu no Brasil, entre os jovens, a busca de melhores oportunidades de trabalho e, conseqüentemente, um abandono do campo. As pesquisas vêm apontando, principalmente, a predominância da migração feminina para centros urbanos, e essa realidade vem acarretando o envelhecimento da população e a masculinização do meio rural, também por consequência de uma queda de fecundidade nas regiões rurais, que contribui igualmente para a diminuição da população camponesa no Brasil.

Para Castro (2005), um desafio do universo juvenil rural é a incerteza entre “sair e ficar” no campo, devido às dificuldades de permanecer na agricultura, com os limites impostos pela escassez da terra, a baixa renda das famílias e, conseqüentemente, o exíguo investimento na produção. Os jovens vivem o dilema entre a possibilidade entre se tornarem proprietários de terra ou de algum bem e a aspiração em viver nas cidades, partindo para novos desafios em centros urbanos com o objetivo de ampliar suas oportunidades.

Parte constituinte da vida de muitos jovens é travada na escola. De fato, não é novidade que muitas escolas não conseguem atrair e reter os jovens, mas é nesse espaço de encontros e vivências que o jovem começa a construir seu projeto de vida. Inspirados em Leão, Dayrell e Reis (2011), partimos da ideia de que as expectativas de futuro dos jovens remetem a idéia de realizações na sua vida tanto profissionalmente, afetivamente e no aspecto escolar. Tais expectativas dependem sempre de um campo de possibilidades dado pelo contexto socioeconômico e cultural no qual o jovem se encontra inserido. Entender suas expectativas permite, sobretudo, compreender os diferentes anseios daqueles que se encontram na faixa etária de escolarização e, ao mesmo tempo, reconhecer suas potencialidades e desafios.

Para grande parte deles, a escola se mostra distante dos seus interesses e necessidades, na medida em que se reduz a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação. Para atender melhor às necessidades juvenis, a escola deve se concentrar em aspectos relacionados à permanência do aluno na escola e à qualidade dos serviços oferecidos. Isso envolve também atentar as condições de funcionamento da instituição, a formação e a capacitação dos professores, a qualidade do material didático, a leitura no trabalho escolar, a participação dos pais na escola e em casa e a qualidade da merenda escolar (DAYRELL, 2007).

Assim, a escolha do tema “juventude rural e escolarização” é uma tentativa de enfatizar que, no dia a dia da escola, o jovem estabelece relações que influenciam muito sua vida, suas escolhas e sua trajetória escolar. E esse espaço em particular compreende trocas, normas e constituição de modo de viver como jovens e alunos, referenciados em grupos de pertença e de referência socioculturais, rurais e urbanos ao mesmo tempo. O global e o local provavelmente se mesclam na vida dos jovens rurais que conseguiram chegar ao Ensino Médio, afetando seus projetos mediatos e imediatos. Por isso, a pesquisa tem a pretensão de investigar fundamentalmente os jovens rurais alunos do 1º ano do Ensino Médio da Escola Evandro Ávila, que moram em Rio das Mortes, distrito de São João del-Rei, buscando-se, deste modo, identificar o papel da escola na vida desses sujeitos, bem como suas perspectivas de vida num contexto de transformações sociais, culturais e econômicas no qual a diferenciação dos espaços urbano e rural se reconfigura e se torna cada vez mais tênue.

Provavelmente, essas novas dinâmicas no espaço rural devem ter mais impacto na população mais jovem e com um percurso mais longo de escolarização propiciado pelo Ensino Médio. Uma forma de identificar quais jovens habitam o mundo rural na contemporaneidade consiste em pesquisar como eles percebem os impactos que a escolarização introduz nos seus campos de possibilidades presente e futuro. Eles vivem uma possibilidade menos comum para a geração anterior: frequentar o Ensino Médio e ter uma entrada mais tardia no mundo do trabalho. Dessa forma, nesta pesquisa procuraremos responder às seguintes questões: Que relação esses jovens estabelecem entre as suas perspectivas futuras e o sentido dado ao processo de escolarização? Que sentidos eles atribuem às experiências escolares?

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada na Escola Estadual Evandro Ávila, em Rio das Mortes, distrito de São João del-Rei. A amostra é composta por jovens do Ensino Médio da referida escola, que no ano de 2014 estavam matriculados no 1º ano do Ensino Médio, no período matutino. A turma era composta por 33 alunos e, em 2015, havia um total de 29, pois três foram reprovados e um transferido. A escolha dessa turma se deu pelo fato de esses jovens ainda estarem em processo de escolarização. A pesquisa se referencia na abordagem qualitativa de caráter descritivo e analítico, mas recorre também a dados quantitativos. Um questionário foi aplicado a todos os alunos da turma (no final de 2014), contendo entrevistas

semiestruturadas. Também foram realizadas observações da dinâmica da sala de aula e outros espaços pertinentes para a pesquisa, além da busca de informações localizadas no arquivo da escola, como prontuários e fichas, dentre outros documentos dos alunos. Além disso, conversas informais com alunos, professores, funcionários e diretores da escola completam as informações.

As observações assumem caráter não participante, do tipo em que o pesquisador, embora presente no ambiente em que ocorre a ação (e percebido pelos demais), apenas visualiza a dinâmica e as discussões do espaço e procede a algumas anotações, sem causar interferência significativa. O objetivo desse procedimento é conhecer aspectos da dinâmica escolar, sobretudo as relações entre as pessoas dentro e fora da sala de aula, a fim de observar o ambiente escolar, a apropriação dos espaços pelos alunos, etc.

Para o questionário foram elaboradas questões gerais dirigidas a todos os alunos da turma. Já para as entrevistas, que incidiram sobre um grupo menor de alunos, foram elaboradas questões específicas de acordo com critérios estabelecidos previamente. Ao mesmo tempo em que valorizam a presença do investigador, as entrevistas com roteiros semiestruturados oferecem todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação (TRIVIÑOS, 1987).

DESENVOLVIMENTO

A Escolarização de jovens rurais: Contextos e Desafios

O Ensino Médio também não pode ser pensado como extensão do Fundamental, ou unicamente como um momento transitório ou preparatório para o que virá após a conclusão e obtenção do diploma. Esse momento pode coincidir com um período durante o qual se espera que o jovem desenvolva projetos de futuro e, de certa forma, faça a transição necessária para viabilizar esses projetos. Por isso, a escola de Ensino Médio, juntamente com outras instituições, deve oferecer os instrumentos necessários para que os estudantes possam desenvolver seus planos com relação ao futuro, não só individualmente, mas também no coletivo (WELLER, 2014).

Para Velho (1994, p.101), as expectativas de futuro dos jovens indicam uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas”, que, por sua vez, está relacionado ao “campo de possibilidades” que uma pessoa ou grupo dispõe para colocá-lo em prática. A escola,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

enquanto função de socialização secundária desempenha, juntamente com a família, um importante papel na elaboração dessas expectativas, na definição do que é possível empreender.

Mas em algumas escolas vem sendo atribuída pouca prioridade a esses planos, sob a premissa de que a elaboração dessas expectativas é papel apenas das famílias e de que as instituições de ensino devem concentrar seus esforços na preparação do jovem para a inserção no mercado de trabalho (WELLER, 2014).

Sabemos, no entanto, que a conclusão do Ensino Médio não conduzirá automaticamente à educação superior ou a um emprego com carteira assinada. O percurso dos que desejam ingressar na universidade ou encontrar um emprego regulamentado logo após a conclusão do Ensino Médio nem sempre ocorre de forma linear (WELLER, 2014).

Para grande parte dos professores, mas também dos pesquisadores, o jovem que frequenta o Ensino Médio é compreendido apenas na sua dimensão de aluno. Dessa forma, o ser aluno aparece como um dado natural e não como uma construção social e histórica. Independentemente do sexo, da idade, da origem social ou das experiências sociais vividas, é a condição de aluno, quase sempre na sua dimensão cognitiva, que informa a compreensão que o professor ou o pesquisador constrói sobre esses atores. O momento da fase de vida e suas peculiaridades, a origem social, o gênero e a etnia, entre outras dimensões que o constituem como jovem, não são levados em conta e constroem a vida do aluno fora da escola como um tempo vazio de sentido, um não-tempo. Nessa compreensão, pouco se aprende sobre os sujeitos reais que frequentam a escola, as múltiplas dimensões da sua experiência social, suas demandas e expectativas (LEÃO, DAYRELL, REIS, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Geralmente, o interesse pela escolarização dos jovens rurais envolve a busca de compreensão do contexto rural na formação desses sujeitos. Assim, os interessados nesse assunto querem saber como eles vivem, quais são os padrões de família ali vigentes atualmente, como são travadas as relações dos membros da família com o trabalho e os efeitos desses elementos na educação desses jovens. Foge aos objetivos deste trabalho aprofundar as condições de vida desses jovens e de sua família; trata-se de uma breve apresentação com vistas a evitar que os sentidos da escolarização sejam analisados de forma a colocar esses sujeitos num vácuo sociocultural.

Esses alunos que frequentam a escola Evandro Ávila chegam ao estabelecimento às 7h20 da manhã, a pé ou em ônibus escolar. Eles encontram os portões abertos e adentram a escola e aguardam o início das aulas (7h30), conversando com os grupos de amigos no pátio da escola; o clima escolar é descontraído, com relações sociais pouco conflituosas com o *staff* da escola.

Quanto à educação, a maioria dos estudantes entrou na escola entre quatro e cinco anos, totalizando 76,5%, considerando as respostas de “4 anos, 5 anos, e 4 ou 5 anos”. A maioria dos estudantes (70%) sempre ou quase sempre faz obrigações escolares, contra 30% que realizam as tarefas de vez em quando. Houve duas respostas complementares nessa questão sobre a realização das tarefas: um aluno alegou a “preguiça” como motivo para o não cumprimento da obrigação; já outro declarou que deixa de fazer a tarefa quando tem dúvidas a respeito. Em um dia letivo, a maioria dos estudantes (55,0%) realiza afazeres domésticos em uma hora ou menos.

Quando questionados sobre o motivo de irem à escola, 72% dos jovens responderam que consideram importante para seu futuro profissional a frequência na escola. Em relação aos conteúdos ministrados na escola, 47,8% acreditam haver um equilíbrio entre coisas úteis e inúteis. Além das aulas regulares, os alunos demonstram interesse pela área de informática e pelas atividades culturais. Porém, a maioria não participa de nenhum curso extracurricular. Convidados a refletirem sobre suas possíveis escolhas, 47,6% estudariam em uma escola pública na cidade, 23,8% estudariam em uma escola privada na cidade e 28,6% continuariam estudando na Escola Evandro Ávila.

Quanto às questões em relação ao perfil dos entrevistados, podemos concluir que a maioria é do sexo feminino (70%). A idade predominante desses estudantes é de 16 anos, e a maioria (65%) declara ser de cor parda e mora com os pais (75%).

Os dados do questionário mostram que o percentual de jovens que não se consideram rurais é de 38,9%, por acreditarem que jovens são jovens, independentemente do lugar. Já 33,3% desses jovens se consideram jovens rurais por morarem na área rural. Dos jovens que não se consideram rurais por outros motivos, um deles alegou apenas que não se considera, mas se identifica com a área rural; já o outro, não reside no campo.

Sobre mídia e acesso à cultura, a média de livros que os jovens possuem em casa, além dos escolares, é inferior a vinte livros, na maioria das respostas. Não houve respostas superiores a cem livros nem inferiores a um. Do ponto de vista do acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, foi possível perceber nos momentos das entrevistas e no trabalho de campo que a televisão e a internet são as mídias mais utilizadas pelos jovens. Em

boa parte das observações foi possível notar que quase todos os jovens sempre estavam com o celular nas mãos em sala de aula, embora a equipe de direção da escola tivesse proibido o uso dos celulares e *iphones*, por causa dos excessos e da falta de atenção dos alunos nas disciplinas.

A presença de aparelhos celulares nas mãos dos jovens foi uma característica constante. Como Silva e Pereira (2015), observamos que, similarmente aos jovens pesquisados por esses autores, os jovens da escola rural investigada nesta dissertação também demonstram que esse dispositivo tecnológico de comunicação é muito disseminado no cotidiano escolar, como uma marca do ser jovem na sociedade atual, e por isso é impossível não associar a imagem dos jovens ao uso dessas novas tecnologias.

A internet também é vista como forma de entretenimento, especialmente no que se refere à rede social *Facebook*, para conversas, namoro, distração. Dos 12 alunos entrevistados, três dizem fazer uso da internet para pesquisas escolares ou busca de informações ou curiosidades. João, Laura e Vitória relatam que buscam informações na internet para pesquisas escolares. Outros recursos midiáticos também se apresentam na fala dos jovens: Marina não tem conexão com a internet; às vezes acessa no celular, mas comenta que a conexão é muito ruim; o jovem Pedro fala que no tempo livre gosta de visitar as redes sociais e de jogar jogos *online*; e Josiane relata que gosta de ficar em casa “mexendo” no computador. Lucas declara que gosta de assistir televisão. Dos jovens investigados, todos têm acesso à internet, embora Vitória e João não tenham computador, sendo que Vitória utiliza o computador na casa da avó e João na escola.

Esses dados sobre os usos feitos por esses dispositivos midiáticos nos levam a refletir que ter livros em casa e/ou acesso à internet não necessariamente significa o aumento do conhecimento escolar e da cultura em geral. As mídias permitem inserir os jovens no mundo tecnológico e proporcionam competências para uso geral das tecnologias, o que pode ser dirigido para alvos culturais sem relação com o conhecimento valorizado pela escola.

O tempo médio que esses estudantes passam assistindo TV e utilizando o computador, em um dia letivo, é superior a quatro horas em mais de 30% das respostas nos dois casos. Quando interrogados acerca de suas opiniões sobre o quanto estudam em casa, 45% consideram suficiente, 25% insuficiente, 20% gostariam de estudar mais e apenas 10% consideram mais que o suficiente o tempo que passam estudando. Aos que responderam que gostariam de estudar mais e aos que acham insuficiente o tempo de estudo, foi questionado o que lhes impede de estudar. As respostas foram em proporções iguais (25%) para tempo gasto

em utilização de computadores, preguiça, falta de tempo e responsabilidades a cumprir, o que ocasiona em falta de tempo.

A vida dos jovens fora da escola no período em que cursam o Ensino Médio envolve também o trabalho dentro do lar, ajudando os pais em alguma atividade em casa. Mas, de forma geral, nos demais casos o tempo livre é ocupado com atividades desenvolvidas na própria comunidade; embora esta não ofereça muitas opções, os jovens, todavia, buscam participar de tudo que é oferecido.

Algumas declarações são muito comuns como as que dizem que, pela falta de opções, os momentos livres são ocupados com a internet em redes sociais, jogos *online*, assistindo à televisão, e também fazendo as tarefas escolares. Mas, além desses relatos, ainda fazem parte as atividades intrínsecas ao mundo jovem nessa localidade, como o lazer, tal como aponta Marcos em entrevista individual (EI): “No tempo livre gosto de jogar bola e jogar no computador”. Afonso “gosto de futebol” e João gosta de “ler e às vezes sair com cachorro para passear”.

Livros, *sites* na internet e revistas são o que eles mais citam como leitura realizada, mas quando os jovens foram interrogados sobre quais jornais ou revistas leem, evocaram apenas essas possibilidades: Veja, Toda *Teen* e revistas religiosas. Recortando outras atividades culturais na vida desses jovens, podemos perceber que a vida deles é marcada por atividades que o próprio distrito oferece, como os eventos organizados e passeios pela escola ou eventos tradicionais do distrito.

Podemos perceber nos relatos dos jovens que a presença do espaço escolar é fortemente utilizada pela população dessa localidade, mesmo em tempos extraescolares, como o acesso à quadra poliesportiva, que pode ser utilizada com a autorização do diretor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa já nos aponta tendências ou dinâmicas identificadas por outras pesquisas sobre jovens rurais e urbanos. Assim, esta pesquisa procurou alargar o foco, o que permitiu identificar que certos segmentos de jovens rurais apresentam características que são muito mais do seu grupo etário em geral do que de seu grupo rural específico, pois eles consomem bens e produtos que são comuns a jovens urbanos, avançaram na escolarização em relação a seus pais e têm acesso as novas tecnologias de comunicação do mundo informatizado.

Honotório (2014) aponta que os jovens rurais vivenciam a realidade de uma educação rural, sem uma identidade própria e coletiva. Por isso, o processo educativo está voltado para atender a uma educação voltada para o universo urbano, aspecto que desconsidera a realidade vivida por jovens rurais, sem compreender sua totalidade e seus saberes. Esta pesquisa, portanto, leva-nos a refletir sobre a função do Ensino Médio no mundo rural e indagar se as apropriações dos jovens devem ser no intuito de reinventar o mundo rural e se os jovens devem vivenciar e se apropriar de cada um desses espaços.

De fato, assiste-se hoje a uma nova realidade: o mundo rural não agrícola. Esta perspectiva introduz elementos novos no modo de encarar os mundos rural e urbano, em si e na forma como se relacionam. Entre os centros urbanos e as áreas rurais prossegue a tendência de relações de complementaridade (FERRÃO, 2000).

A diluição das fronteiras entre campo e cidade e a saída ou permanência dos jovens no meio rural são questões que ultrapassam o desejo de “ficar ou sair”, mas estão ligadas também a uma avaliação que fazem a respeito do campo, que os leva a enxergar suas perspectivas, conflitos, dificuldades e desafios.

Consideramos que a maior contribuição desta pesquisa é apresentar a juventude rural de Rio das Mortes afetada por essa diversidade, de maneira muito particular por essa dinâmica da diminuição entre as fronteiras dos espaços rurais e urbanos. Uma vez que o distrito fica a poucos quilômetros da cidade, a escola é bem conceituada e oferece uma boa estrutura, bons professores e materiais adequados, diferentemente da maioria dos casos relatados em pesquisas anteriores.

Uma das questões centrais desta pesquisa foi a preocupação em dar voz aos jovens e identificar seus sentimentos, entendendo-os como sujeitos capazes de expor seus pontos de vista e também de construir reflexões sobre essas vivências escolares.

As conversas com os jovens possibilitaram verificar que estes vivem o dilema no qual suas expectativas oscilam entre, de um lado, “melhorarem de vida”, “serem alguém na vida”, assumirem o compromisso com a família e com o sentimento de pertencimento à localidade de origem e, de outro, a falta de perspectiva nesse lugar.

A partir das falas dos jovens, percebemos que o processo da escolarização no Ensino Médio é positivo, pois os jovens se sentem confortáveis na escola e anseiam a entrada na universidade, embora suas perspectivas nem sempre condigam com as metas de estudo e com a empatia com as disciplinas que mais gostam de estudar. Pelos dados da pesquisa, podemos afirmar que os jovens são capazes de falar das aulas, dos conteúdos, da escola e poderiam ser parceiros importantes na reflexão do projeto educativo. Uma vez delegada uma posição mais

ativa aos alunos, estes, sentindo-se valorizados, poderiam oferecer grandes contribuições nas definições do currículo e na avaliação da escola.

A maioria dos jovens está satisfeita com a escola pública e estabelece uma relação de confiança com a eficiência dos profissionais, com a qualidade do ensino e com o currículo. No entanto, gostariam que o método de ensino adotado na escola fosse diferente e introduzisse mais aulas práticas que estimulasse os alunos.

Ao refletirem sobre o quanto estudaram durante a trajetória escolar, os alunos, em grande parte, afirmaram que se pudessem modificar o que viveram na escola estudariam mais, fariam menos bagunça e tentariam tirar melhores notas. Todavia, estão satisfeitos com o resultado do percurso escolar, mas encontram dificuldades no processo de escolarização: sentem-se atraídos pelo computador, em detrimento dos livros e cadernos no espaço doméstico.

Ou seja, sentem o desafio de conjugar as necessidades do presente com as perspectivas de futuro, e isso se imbrica com as tensões da vida na escola: estudar e não estudar, prestar atenção nas aulas e se expressar por meio de conversa ou da bagunça. É comum o choque entre o objetivo em longo prazo e as estratégias mais imediatas, de modo que às vezes oscilam e se voltam ora a essa prioridade, ora para aquela.

Por outro lado, os jovens afirmam que o tempo dedicado aos estudos em casa é insuficiente, uma vez que muitas horas são dedicadas à TV e ao computador, e isso também por encontrar dificuldades na compreensão dos enunciados, de desenvolver o que é pedido pelo professor ou encontrar sentido em algumas matérias.

A maioria dos jovens da turma tem acesso ao computador, mas o utilizam mais como forma de entretenimento e em poucos casos para buscar informações ou realizar pesquisas. A maioria iniciou seu processo de escolarização ainda na educação infantil, passando para os níveis fundamental e médio na mesma escola, e pretende ingressar na universidade.

As experiências mais significativas dos percursos escolares foram: os professores, as relações de amizade, notas, “micos”, habilidades e aprendizagens adquiridas. Os jovens percebem como ganhos da vida na escola o valor de uma relação dialógica, de amizade e do respeito dos alunos entre si e pelos professores.

A questão da amizade foi citada como fundamental para o processo de escolarização. Em alguns momentos, a escola possibilita e incentiva o entrosamento dos alunos por meio de gincanas, feiras culturais e literárias e trabalhos em grupo. Todavia, em alguns momentos existe certa separação dos grupos de amigos pela disposição dos alunos nas turmas, ou pelas afinidades.

Sabemos, no entanto, que a escola não é o único lugar de socialização dos jovens, pois eles frequentam outros espaços fora da instituição, vinculados a esporte, religião, conselho representativo, comunitário ou mesmo de amigos.

Outra questão fortemente lembrada pelos jovens é sobre a relação com os professores. Os participantes disseram ter experiências significativas com os professores, de forma positiva ou negativa. Das relações positivas estabelecidas, podemos citar a eficiência do professor em promover a aprendizagem e o bom relacionamento com os alunos. Das negativas, podemos citar as situações de punição e constrangimento.

Os jovens valorizam muito o diálogo com os professores, pois na relação professor-aluno estão imbricados muitos fatores, diferenças geracionais e relações de afirmação e poder. A relação comunicativa é complexa e pode sair do controle. Em alguns momentos, os jovens precisam de alguém para lhes escutar ou dar conselhos, mas em outros pedem um tipo de delimitação, de definição dos espaços. A impressão que tivemos é a de que os professores se sentem compelidos a manterem a ordem na sala quando os alunos excedem os limites. Por consequência, acabam por pressionar os alunos (às vezes com ameaças ou tirando pontos de conceito), e o excesso de pressão, bem como os exageros dos alunos, leva à ruptura do diálogo.

Quase todos os jovens do 1º ano continuam na Escola Evandro Ávila. Concluir o Ensino Médio, para eles, representa um momento de vitória, de conquista, não como término, mas, sim, como mais uma etapa de outras que virão, configurando-se, então, como marco significativo, não como a passagem entre as séries e os ciclos, mas, antes, como a possibilidade de galgar uma passagem para outra etapa da vida, para muitos, a universidade.

Muitas vezes, as notas determinam o grau de investimento, tais como a dedicação de horas de estudo e atenção, tanto dentro da escola, quanto fora dela; elas são também elementos significativos das experiências escolares dos jovens. São as avaliações que servem de referência para o aluno pensar e refletir sobre as suas competências. Portanto, o efeito-escola se revela mais facilmente em seu clima relacional que anima a escola investigada. Não encontramos nenhum jovem hostil a ela, pois ali reina um clima expressivo e dialógico na maior parte do tempo. Embora com diferenças nas dinâmicas relacionais no interior da sala de aula, a escola parece capaz de lidar com as tensões do dia a dia, resolvendo e contendo os conflitos emergentes.

REFERÊNCIAS

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 15, n. 2, p. 45-66, jul/dez. 1998.

CASTRO, E. G. de. **Entre ficar e sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

DAYRELL, Juarez. A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n.100, p.1105-1128, out. 2007.

FERRÃO, João. Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro. **Eure**, Santiago, v. 27, n. 78, set. 2000.

HONOTÓRIO, Andiará Floresta. **Ouvindo Jovens rurais**: a construção de destinos escolares e sociais. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Ciências da Educação, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2014.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 32, n. 117, out./dez. 2011.

SILVA, Vanda. Jovens de um rural brasileiro: Socialização, Educação e Assistência. **Cad. Cedes**, Campinas, v.22, n. 57, p. 97-115, agosto / 2002.

SILVA, Sandra Rúbia da; PEREIRA, Camila Rodrigues. O Consumo de smartphone entre jovens de camadas populares. **Revista do programa avançado de cultura contemporânea**. 2015

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994.

WELLER, Wivian. Jovens do ensino médio: projetos de vida e perspectiva de futuro. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs.). **Juventude e ensino médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 136-154.